

## OS LABORATÓRIOS DE LÍNGUAS

Todas as escolas secundárias ou superiores, normalmente equipadas, compreendem hoje laboratórios de química e de física, um ginásio e, dentre as mais ricas, uma piscina.

Virá em breve, sem dúvida, o momento, esperamo-lo, em que o laboratório de línguas se imporá com a mesma evidência. Com efeito, não se compreende por que razão se há-de estar menos disposto a autorizar investimentos importantes no ensino das línguas estrangeiras do que no das outras disciplinas.

A Bélgica é, aliás, provávelmente um dos países mais desenvolvidos para tirar o máximo proveito de instalações que multiplicam as possibilidades da expressão oral e da compreensão da linguagem falada. Porque, sem cair num «chauvisme» vão, cremos poder afirmar-se que os esforços de algumas personalidades notáveis, à frente das quais se encontra o Professor François CLOSSET, contribuíram para fazer da Bélgica um dos centros mais importantes da metodologia das línguas estrangeiras.

### O LABORATÓRIO DE LÍNGUAS (1)

Um laboratório de línguas consta de três unidades: a sala de aula, o posto de comando de professor (completamente isolado ou não) e a sala de gravações. Geralmente, acrescenta-se-lhes um compartimento para arrumação das fitas magnéticas, discos e outro material.

#### 1. *A Sala de aula*

É constituída por uma série de compartimentos abertos, providos de revestimento insonorizante. Até ao presente, pre-

---

(1) Descrevemos aqui um laboratório de línguas tipo. Existe, na realidade, uma grande diversidade nas instalações. Mas são todas variantes, mais ou menos desenvolvidas, do tipo apresentado.

feriu-se esta solução às cabinas fechadas que oferecem a vantagem de eliminar ruídos parasitários mas que levantam problemas graves de arejamento e ventilação (1).

Cada compartimento contém um gravador, auscultadores com selector e controle de volume, e um microfone.

Os compartimentos são construídos de maneira que os estudantes possam observar projecções num écran colocado em ponto mais elevado que o posto de comando do professor. Por vezes, adoptou-se a disposição em degraus a fim de permitir uma melhor visibilidade do material didáctico utilizado.

O conjunto requer, prevê-se, uma rede de fios bastante complexa. Fazem-se actualmente ensaios de instalações sem fios, mas uma experiência de 4 anos, com postos de interpretação simultânea, mostrou-nos todos os inconvenientes deste sistema: grande consumo de pilhas, reparações frequentes, irregularidades, roubos.

### 2. O posto de comando

Compreende um gravador, um microfone, um gira-discos, um écran de controle, auscultadores e amplificadores de som.

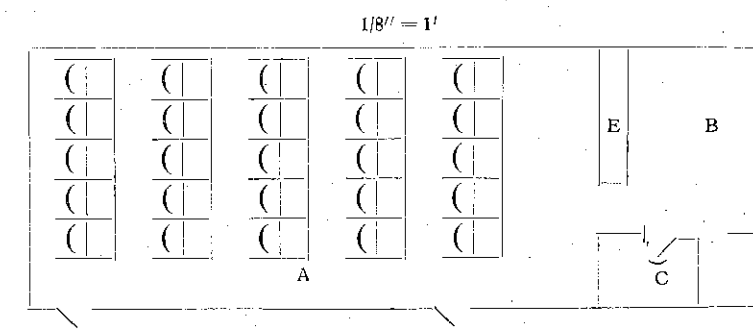
Está disposto de maneira que o professor possa ter uma visão directa de toda a sala de aula.

### 3. Sala de gravação

Deverá ser concebida com um cuidado especial porque são absolutamente necessárias gravações de alta precisão. O local será, pois, bem insonorizado e os aparelhos serão tão aperfeiçoados quanto possível: gravador, microfones de alta fidelidade, gira-discos estereofónicos, aparelho de rádio com modulação de frequência.

(1) Mesmo com compartimentos abertos, a circulação do ar faz-se com dificuldade. Este ponto deve ocupar a atenção dos construtores, aquando da instalação de um laboratório.

Eis um plano tipo proposto por H. L. BRATNOBER (1).



- A. Laboratório propriamente dito
- B. Gabinete do professor
- C.-D. Salas de gravação
- E. Secretária de comando.

Nota 1: Frente à secretária de comando, abre-se uma janela que permite ver a sala de aula.

Nota 2: Na parede norte do laboratório rasgam-se três janelas grandes.

Nota 3: Uma distância de pelo menos 2 metros e meio, entre o primeiro compartimento e a parede E, dá uma boa visibilidade sobre o écran de projecção, colocado por cima da janela em E.

Nota 4: Toda a instalação eléctrica do laboratório deve ser isolada de maneira que as manipulações ou utilizações da corrente, no resto da escola, não provoquem quedas de tensão nem prejudiquem as gravações.

#### Observações:

Para guiar os professores no dédalo da técnica, o «*Council of Chief State School Officers*» dos Estados Unidos publicou o

(1) M. C. JOHNSTON & C. C. SEERLEY, *Foreign Language Laboratories in Schools and Colleges*, Washington, U. S. Department of H. E. W., Office of Education, 1959, p. 68.

*Purchase Guide for Programs of Science, Mathematics and Modern Languages* (Boston, Ginn, 1959, 336 p.). Em 1961, foi acrescentado a esta publicação um suplemento de 60 páginas:

Ver-se-á também: P. DELATTRE, *Testing Audio Equipment by Ear* in «Audio Visual Instruction» (1960, n.º 5, p. 156) que propõe meios simples para apreciar a fidelidade dos aparelhos.

A técnica evolui rapidamente. Aquando da construção de um laboratório convém portanto assegurar possibilidades de transformação, extensão e instalação de material complementar.

A obra de A. S. HAYES, *Step by Step Procedures for Language Laboratory Planning*, New York, MLA Foreign Language Laboratory Program Research Center, 1960, 16 páginas, em que se descreve, etapa por etapa, a planificação dum laboratório de Línguas, pode também prestar grandes serviços.

#### PREÇO DO EQUIPAMENTO

Julgamos útil dar algumas indicações recolhidas na publicação mais recente da VM-Corporation, Audio learning department (Benton Harbor, Michigan).

— Uma cabina (de aluno) contraplacado, placas insonorizantes, mesa, cerca de	1.200 Escudos
— Equipamento da cabina (gravador, auscultadores, micro, selector, uma bobina) cerca de	6.000 Escudos
— Posto de comando: multiplex, mesa, revestimento cerca de	720 Escudos
— Equipamento do posto de comando (gravador, micro, gira-discos, 2 amplificadores, écran de controle, 1 bobina, instrumentos de controle e pequeno material, não incluindo aparelho de rádio) cerca de	12.000 Escudos.

Para um laboratório de 30 alunos, o equipamento especial de base custa cerca de 240.000 Escudos.

#### UTILIZAÇÃO

Se a presença de novos meios implica um ajustamento do método, é todavia esta e, anteriormente, os fins que a educação visa alcançar que devem indicar à técnica o seu papel exacto.

As fases dum ensino das línguas modernas, que ambicione não somente dar ao aluno um instrumento de comunicação mas também enriquecer a sua cultura humana, foram nitidamente delimitadas por Fr. CLOSSET: «Levar o aluno a exprimir-se com uma pronúncia conveniente, passar em seguida da linguagem falada à linguagem escrita, voltar depois à primeira para a explicação de textos, e adquirir enfim o conhecimento da língua estudada, do país e do povo que a fala» (1).

Estes objectivos, que definem já um programa, indicam bem, por um lado, o lugar importante reservado à formação do ouvido e à expressão oral desde o começo da aprendizagem e, por outro, o cuidado permanente em não dissociar o estudo da linguagem escrita do da linguagem falada.

\* \* \*

O trabalho no laboratório pode ou fazer parte integrante do ensino da língua — que deve ocupar uma parte do tempo que a esta é regularmente destinado —, ou permitir o trabalho livre e espontâneo do aluno fora dos cursos, ou desempenhar ainda estas duas funções ao mesmo tempo.

Após os primeiros anos de experiência (2), os autores concordam fixar em 30 minutos, por sessão, a duração óptima do trabalho no laboratório.

(1) Fr. CLOSSET, *Introduction à une didactique spéciale des langues vivantes*, Bruxelles, Didier, 2.d., p. 8.

(2) Os primeiros laboratórios de línguas foram instalados nos serviços do exército americano durante a Segunda Guerra mundial. Nos U.S.A., em 1950 existiam 100 laboratórios; em 1957, 304; em 1962, 3.200. Na Europa, notar-se-á especialmente o laboratório da Escola Normal Superior de Saint Cloud e o da Escola Real Militar em Bruxelas.

Em conclusão do seu inquérito, JOHNSTON e SEERLEY consideram que seriam desejáveis quatro sessões semanais.

Em geral, o laboratório é utilizado da seguinte maneira: Se toda a classe realiza o mesmo trabalho, o professor passa, do seu posto de comando, uma fita gravada que, após cada grupo de palavras, comporta um tempo morto. Os alunos escutam e repetem o que acabam de ouvir ou respondem às questões postas. As respostas são fixadas pelos gravadores individuais.

Para individualizar, utilizam-se cada vez mais fitas magnéticas de duas pistas. Na primeira encontra-se a matéria ensinada, enquanto que a gravação do estudante se faz na segunda. Torna-se possível, assim, apagar os exercícios dos alunos, conservando intacta a fita mestra.

Este aperfeiçoamento da técnica abre o caminho aos trabalhos orais feitos em casa, na época, sem dúvida não muito distante, em que muitas famílias possuirão gravadores aperfeiçoados.

O professor, sem deixar o seu posto, pode falar com qualquer aluno ou escutá-lo sem que ele saiba.

#### ALGUNS TIPOS DE EXERCÍCIOS (1)

Antes de examinarmos alguns tipos de exercícios, notemos que o laboratório de línguas é um *complemento*, um prolongamento da acção do professor e não um substituto. Este é sobremaneira importante no começo da aprendizagem. J. C. HUTCHINSON (2) lembra com razão: «As noções novas devem, geralmente, ser apresentadas pelo professor na aula. Só o professor pessoalmente pode controlar o ritmo do progresso em função da situação imediata. Pode criar, de diferentes maneiras, o ambiente apropriado para a compreensão, especialmente pela mímica, utilização de material apropriado, etc.. É numa fase mais avançada do curso, quando a fonética e as estruturas de

(1) Ver também *Que penser du laboratoire de langues?* na «Revue des Langues Vivantes» n.º 8, 1962, pp. 273-276.

(2) J. C. HUTCHINSON *The Language Laboratory*, Washington, U. S. Departamento of. H. E. W., Office of Education, 1962, p. 18.

base estiverem adquiridas, que novas noções podem ser apresentadas eficazmente em programas gravados».

#### 1. *Aperfeiçoamento da pronúncia*

De princípio, trata-se de aprender a repetir correctamente palavras, frases curtas ou mesmo sons isolados. Os princípios fundamentais da fonética, ensinados paralelamente com as primeiras aquisições, permitem ao aluno analisar melhor os sons que ouve.

Um progresso técnico muito recente consiste em colocar à disposição do aluno um espectrógrafo e diagramas que representam o esquema sonoro dos sons a estudar. Pode-se, então, verificar visualmente o grau de correcção da pronúncia.

#### 2. *Expressão oral*

Após a lição na aula, o aluno escuta, no laboratório, uma síntese oral. Aprende a repeti-la, tanto quanto possível, correctamente.

O exercício seguinte consiste em responder a perguntas simples que implicam a reprodução quase integral de partes da síntese. A sequência é, neste caso: 1. Pergunta. — 2. Resposta do aluno. — 3. Resposta correcta pronunciada pelo professor. — 4. Repetição da resposta pelo aluno.

À medida que o aluno progride, este exercício torna-se, naturalmente, cada vez mais complexo.

#### 3. *Exercícios de gramática*

Podem consistir, de início, na conjugação de um verbo numa frase curta. São possíveis também numerosos exercícios de substituição e de transformação.

Podem consistir, de início, na conjugação de um verbo numa frase curta. São possíveis também numerosos exercícios de substituição e de transformação.

4. *Ditados*

Aqui, a vantagem principal reside no facto de um aluno, fraco em ditado, poder realizar tantos exercícios quantos quiser. Por outro lado, parece que a recepção pelos auscultadores concentra mais a atenção sobre o próprio texto.

5. *Exercícios de compreensão*

a. Mandar transcrever textos novos mas que incluam uma elevada percentagem de palavras conhecidas. No início, a apresentação é lenta. Aumenta-se progressivamente a velocidade e a dificuldade.

b. A partir dum certo momento, a dicção torna-se demasiado rápida para permitir a transcrição normal. O estudante deve primeiro escutar e, depois, gravar uma síntese oral do que ouviu.

c. Num nível superior, passa-se à audição de peças de teatro, de partes de programas de rádio, etc..

## AUXILIARES VISUAIS

Em muitos laboratórios de línguas que tivemos ocasião de visitar, a amplitude da aparelhagem auditiva, fez perder de vista, muitas vezes, a importância do auxiliar visual. É, aliás, a razão por que apresentámos um plano tipo que permite a projecção de diapositivos e de filmes. Mas o material mais clássico, como a imagem ou os objectos testemunhos da cultura estrangeira, nunca deveria ser esquecido (1).

## A PREPARAÇÃO DAS FITAS GRAVADAS

Na altura do aparecimento dos laboratórios de línguas, acreditaram alguns, como acontecera com as *Teaching machines*, que o trabalho do professor seria muito aliviado e que, em certos

(1) A propósito da integração multisensorial, ver: E. HOCKING, *Future Prospects of Language Teaching with the use of Language Laboratory*, in «International Journal of American Linguistics», Oct. 1960, n.º 26, p. 14-21.

casos, poder-se-ia até reduzir o pessoal docente. Pelo contrário, verifica-se que o trabalho torna-se mais pesado do que nunca, especialmente nos primeiros anos.

Com efeito, preparar uma lição sobre a fita — o que, repetimos, constitui apenas uma parte do ensino — exige muito cuidado e muito tempo, sobretudo se se quiser trabalhar para diferentes níveis de aptidão e graus escolares. Ora não aproveitar as possibilidades de individualização que o laboratório de línguas oferece é desprezar uma das suas principais vantagens.

Digamos também que, para o professor, a gravação constitui uma prova de verdade: os seus próprios defeitos e as suas limitações aparecem-lhe cruelmente quando se escuta; o fenómeno é demasiado conhecido para que insistamos nele.

Por outro lado, recordamos, correndo o risco de enunciar uma «verdade de La Palisse», que uma actividade centrada sobre a palavra deve fundar-se na linguagem falada. Portanto, não é indiferente gravar um texto qualquer, recolhido nos manuais escolares, nas antologias ou nas próprias obras dos autores. Os que se limitaram a sonorizar a linguagem escrita conheceram amargas decepções.

Inicialmente, as tentativas são inevitáveis. Citando apenas um exemplo, o professor que prepara um exercício para iniciantes diminui consideravelmente o tempo de pronúncia da palavra. Há, todavia, um limite de lentidão para além do que a linguagem perde a sua natureza: importa, pois, encontrá-lo...

A preparação das fitas requer o trabalho de equipa. Uma outra vantagem do laboratório de línguas está em permitir aos alunos a audição de várias vozes e não unicamente a do seu professor.

Da mesma maneira que os autores de manuais têm recorrido, muitas vezes, à colaboração de colegas estrangeiros para assegurar a autenticidade dos seus textos, assim uma parte do material será gravada com ajuda de pessoas que se exprimem na sua língua moderna.

Em suma, convém que os alunos das classes superiores ouçam ocasionalmente conversações familiares, anotadas «ao vivo», em países estrangeiros. Podem, deste modo, apreciar a distância entre o academismo ou o purismo escolar e as realidades. Redu-

zir-se-á assim o choque que quase todos os que estudaram uma língua na escola experimentam aos primeiros contactos com a vida.

Visto o acréscimo de trabalho originado pela organização dos laboratórios, conviria, sem dúvida, diminuir as horas semanais de serviço aos professores que preparassem o seu próprio material.

Evidentemente que se poderá dispor também de fitas comerciais, pois começam a expandir-se no mercado.

#### RESULTADOS

Todos os que utilizaram o laboratório de línguas consideram animadores os resultados obtidos. Contudo, faltam ainda investigações rigorosamente conduzidas que permitiriam avaliar com precisão as vantagens do método.

De começo, encontramos-nos perante duas dificuldades. Por um lado, o equipamento dos laboratórios e a maneira de os utilizar variam consideravelmente. Por outro, quase não existem testes de línguas estandardizados satisfatórios, sobretudo no domínio da compreensão da linguagem falada e da expressão oral.

É certo que dispomos de alguns resultados como os que são citados por JOHNSTON e SEERLEY (1): após um semestre, um grupo que frequenta o laboratório coloca 17,2% na categoria de resultados superiores para a compreensão da linguagem falada e para a expressão oral, enquanto que o grupo que não utiliza o laboratório somente consegue 3,4 e 5,3%, respectivamente. Mas não nos é dito como foram constituídos os dois grupos inicialmente e quais foram os critérios de apreciação.

A recente publicação de HUTCHINSON não nos traz novos resultados experimentais.

#### PESQUISAS NECESSÁRIAS

Antes que possamos dispor de dados precisos, são-nos ainda necessárias muitas investigações. Não só é preciso construir instrumentos de medida adaptados, como também é necessário

(1) *Op. cit.*, p. 57.

determinar o lugar que o laboratório ocupará no ensino das línguas e qual a melhor maneira de nos servirmos dele.

Diversos aspectos particulares constituem também objecto de controvérsia. Em que medida é possível a auto-correcção? O aluno que gravou as suas respostas pode escutá-las de novo? Ouvir várias vezes os seus erros envolve o risco de os reforçar. A Purdue University procura determinar experimentalmente a importância deste perigo e precisar o momento a partir do qual existe.

Quantas vezes um mesmo modelo deve ser repetido a fim de realizar o «overlearning», condição dos automatismos linguísticos? Quais são a duração e a frequência óptimas do trabalho no laboratório? Em que medida a aprendizagem deve ser feita, com livros e cadernos fechados? De que diferenças individuais precisamos tomar conta?

Qual o resultado da estimulação diferencial simultânea? Van RIPPER (Western Michigan University) ensaia principalmente determinar se existe uma diferença estatisticamente significativa entre os alunos que, quando lêem um texto, ouvem a sua voz por um ouvido e a do professor pelo outro, e um grupo que ouve a voz do professor por ambos os ouvidos.

#### UM INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO

Se o laboratório de línguas requer muitas investigações, por seu turno, vai também permiti-las.

Como a *Teaching Machine* dá um ímpeto novo aos estudos do *learning* e do *teaching*, parece que o laboratório de línguas permitirá uma análise mais minuciosa do mecanismo da aprendizagem das línguas.

Pode assegurar-se desde já que as *Teaching Machines* e os laboratórios de línguas aproveitarão mutuamente dos progressos das respectivas técnicas. F. MORTON chamou já a atenção para a importância da sonorização das *Teaching Machines*. Se não fôra o seu preço elevado, os aparelhos como o Western Design Tutor (1),

(1) Ver o nosso artigo *Automated Teaching, The State of the Art*, in «Acta de la Session Internationale de Pédagogie», Instituto da UNESCO para a Educação-Sonnenberg, Março, 1962.

que abrigariam facilmente um gravador além do equipamento estandardizado de microfímes, seriam, a nosso ver, a unidade quase ideal do laboratório de línguas.

Mas há ainda um caminho muito longo a percorrer: os estudos de programação avançam com uma morosidade desesperante, por falta de especialistas e de créditos... e está ainda muito afastado, não há dúvida, o tempo em que se renunciará a um avião de combate para dotar algumas escolas com o melhor material.

G. DE LANDSHEERE

(Extraído da revista belga *Education-Tribune Libre* — Nov. 1962-p. 103. 110)